



Biblioteca da Assembleia da República

DOSSIER DE IMPRENSA



ID: 24051603

04-03-2009

BPN ■ OFFSHORES DE EL-ASSIR AFINAL ERAM PROPRIEDADE DA SLN

Oliveira e Costa quis vender SLN à Carlyle

■ Francisco Sanches implica filho do ex-presidente do banco em operações ilegais

● DIANA RAMOS

O antigo administrador da Sociedade Lusa de Negócio (SLN) e braço-direito de Oliveira e Costa, Francisco Sanches, revelou ontem na Comissão Parlamentar que o ex-presidente do Banco Português de Negócios (BPN) tentou vender 50 por cento do capital da SLN ao Grupo Carlyle e a investidores angolanos. A proposta foi rejeitada pelos accionistas da SLN.

Aquele responsável disse ainda que, após o afastamento de Oliveira e Costa do banco, este continuou a ter reuniões com accionistas da SLN para tentar resolver o problema do Banco Insular. O ex-gestor implicou ainda o filho de Oliveira e Costa nas transferências de contas de clientes do BPN Cayman para o Banco Insular.

Francisco Sanches afirmou também que as offshores do empresário libanês El-Assir eram, afinal, propriedade da SLN. As três sociedades - Ileia, Declas e Adler -, que participaram no célebre negócio da Biometrics em Porto Rico, o qual resultou num prejuízo de 38 milhões de euros, eram empresas da própria SLN.

Aquele responsável declarou



Francisco Sanches disse que o libanês El-Assir foi trazido para o BPN pela mão de Dias Loureiro

🔍 PORMENORES

● **MAIS 90 DIAS**
CDS-PP pediu alargamento dos trabalhos da Comissão de Inquérito do BPN por mais 90 dias, uma vez que existem vários problemas sem resposta

● **PLÉIADE**
Lencastre Bernardo foi à comissão dizer que não recebe salários desde Dezembro e que a nacionalização do BPN criou dificuldades de financiamento.

● **ERROS**
A consultora Deloitte fez um relatório onde dava conta de erros intencionais na gestão da empresa Pléiade. Lencastre Bernardo desconhecia.

que o empresário libanês El-Assir "foi um cliente trazido para o BPN por Dias Loureiro" e que o BPN Cayman concedeu créditos a várias das suas empresas "sem garantias reais".

"El-Assir foi indicado ao BPN por Dias Loureiro. Há questões que desconheço das relações com El-Assir", disse aquele responsável, que admitiu ter comunicado, em 2007, ao Banco de Portugal, os beneficiários finais das offshores. ■



Francisco Sanches volta a envolver Dias Loureiro

Negócios de Porto Rico foram focados pelo antigo administrador.

Sandra Almeida Simões
ssimoes@economicasgps.com

As declarações de Manuel Dias Loureiro, antigo administrador da Sociedade Lusa de Negócios, aos deputados da comissão de inquérito ao caso BPN voltam a ser questionadas. Em causa estão as declarações de ontem de Francisco Sanches, o braço direito de Oliveira Costa no BPN, na comissão, onde assumiu que o banco concedeu créditos sem garantia a empresas detidas por Abdul Rahman El-Assir - o empresário libanês envolvido nos negócios "desastrosos" de Porto Rico. E adiantou que o libanês foi um cliente levado para o BPN por Dias Loureiro. "El-Assir veio indicado por Dias Loureiro", afirmou. Sanches garante que acompanhou os negócios "muito à distância", sendo que seguiu apenas os créditos concedidos a outras três empresas do empresário libanês mas que tinham garantias. O valor dos créditos sem garantia ascende a 8,2 milhões de euros a empresas de El-Assir. Recorde-se que Dias Loureiro foi acusado de ter mentido à comissão e, por isso, será chamado a uma segunda audição. Além de ter assinado a formalização e a extinção do negócio entre a SLN e duas empresas porto-riquenhas, do qual resultou um prejuízo significativo para o grupo, com as declarações de Sanches, também os créditos de cobrança duvidosa serão agora um assunto na mira dos deputados a esclarecer com o

Francisco Sanches,
ex-administrador do BPN



actual conselheiro de Estado.

No que se refere aos financiamentos sem garantias, Francisco Sanches anunciou ainda ter trocado officios com o Banco de Portugal (BdP), em 2007, dando conta de "off-shores" do BPN e da SLN.

Numa audição, onde os deputados insistiram em cruzar as datas da comunicação entre o Banco de Portugal e os administradores do grupo, Francisco Sanches adiantou que o Insular era conhecido pelos antigos administradores

O braço direito de Oliveira Costa adiantou que Abdul Rahman El-Assir foi um cliente levado para o BPN por indicação de Dias Loureiro.

do BPN, Luís Caprichoso e António Franco, além dos responsáveis pelas áreas financeira e sala de mercados. Confirmou ter dado ordens de operações entre BPN e Insular, a pedido de Oliveira Costa, adiantando que Vaz Mascarenhas, presidente do banco cabo-verdiano, também ordenava. "Não comunicámos ao Banco de Portugal, porque essa era uma questão para ser resolvida dentro de casa".

Ontem foi ainda ouvido Lencastre Bernardo, administrador da Plêiade, do grupo SLN, que garantiu desconhecer irregularidades no BPN. ■



MANUEL DE ALMEIDA - LUSA

Sanches disse que a estratégia para o Banco Insular era resolvido dentro "de casa"

Parlamento. Revelação feita por Francisco Sanches na comissão de inquérito

Accionistas recusaram vender BPN à Carlyle

Investidores angolanos também estiveram na calha para comprar banco

EVA CABRAL

Francisco Sanches, ex-administrador do Banco Português de Negócios, afirmou ontem, no Parlamento, que José Oliveira e Costa pensou resolver em 2007 os problemas do banco agora nacionalizado e da Sociedade de Lusa de Negócios vendendo 50% destes à Carlyle e a um grupo de investidores angolanos.

O antigo braço-direito de Oliveira e Costa – o homem forte do BPN e da SLN, agora em prisão preventiva – referiu na comissão parlamentar de inquérito que “sempre achou que as questões do Banco Insular “tinham que ser resolvidas dentro de casa”. Francisco Sanches frisou mes-

mo que considerava que “Oliveira e Costa tinha obrigação de resolver esta situação” escudando-se nesta posição para justificar o facto de nunca ter comunicado ao Banco de Portugal as situações irregulares relacionadas com o Insular.

Desde 2006 que a relação entre a gestão de Oliveira e Costa e os accionistas se estava a degradar, uma si-

PCP quer suspensão

O deputado comunista Honório Novo propôs ontem a suspensão dos trabalhos da comissão parlamentar de inquérito ao BPN até se conseguir solicitar ao Tribunal da Relação o levantamento do sigilo bancário. O deputado lembrou que o pedido para um parecer tem três semanas.

tuação que se extremou quando em meados de 2007 estes recusaram a proposta para que o grupo Carlyle e investidores de Angola adquirissem 50% do BPN. Sanches considerou que na altura “Oliveira e Costa não teve condições de explicar aos accionistas as vantagens do negócio”.

Recorde-se que a Carlyle é uma empresa dos EUA antes ligada a Frank Carlucci e que em 2007 adquiriu o grupo Freeport, que detém o outlet de Alcochete.

Nuno Melo, do CDS, tentou que Francisco Sanches explicasse as razões pelas quais a sucursal de Cayman do BPN concedeu créditos de mais de oito milhões de euros a empresas de El-Assir, um empresário libanês presente no negócio de Porto Rico. O ex-braço-direito de Oliveira e Costa referiu que El-Assir veio indicado por Dias Loureiro. ■



Francisco Sanches alegou falta de memória e desconhecimento de actos de gestão, pelos quais responsabilizou Oliveira e Costa

CASO BPN

Capitais angolanos podiam ter salvo SLN

ANA PAULA CORREIA
apc@jrj.pt

Vender a angolanos 51% da SLN, holding proprietária do BPN antes da nacionalização, era o plano de Oliveira e Costa para "limpar" as contas do grupo e, simultaneamente, "resolver o problema" das operações ilícitas do Banco Insular.

A revelação é de Francisco Sanches, o "braço-direito" do antigo presidente do grupo, Oliveira e Costa, que se encontra detido sob a acusação, entre outras, de branqueamento de capitais.

Ontem, na comissão parlamentar de inquérito às condições que levaram à nacionalização do BPN, Francisco Sanches admitiu a existência de operações fora do balanço no Banco Insular mas que o Banco de Portugal não foi informado "porque havia a possibilidade de se resolver o problema através da venda de 51% do grupo a angolanos e ao grupo Carlyle".

"Sempre tive a postura de que se deveria integrar as contas do insular no BPN", defendeu-se Francisco Sanches, ao mesmo tempo que considerava que a supervisão não deveria ser informada, uma vez "que eram questões para ser resolvidas dentro de casa". De qualquer forma, disse, "o Banco de Portugal sabia das ligações do BPN ao Banco Insular desde 2007".

As negociações com esses investidores estariam a ser dirigidas pessoalmente por Oliveira e Costa, que, "mesmo depois de deixar a presidência do grupo, ainda tentou fazer o negócio, que poderia envolver também capitais líbios". Mas, ainda segundo o antigo administrador da SLN, "o negócio falhou devido a dificuldades de

Oliveira e Costa explicar a operação aos accionistas".

Quanto à sua responsabilidade nas operações irregulares feitas através do Banco Insular e de outros veículos off-shore, Francisco Sanches alegou nunca ter sido administrador do BPN e justificou-se com falta de memória relativamente a casos concretos.

"Posso ter transmitido algumas orientações de Oliveira e Costa". Foi a forma que o ainda colaborador do BPN usou, em diversos passos da audição de ontem, para responsabilizar unicamente o único antigo administrador detido,

Duas empresas da holding estão em vias de ser alienadas

Lencastre Bernardo, administrador da Pléiade, do grupo SLN, também ontem ouvido pela comissão de inquérito, revelou que duas das empresas do grupo estão em vias de ser alienadas. São elas a VSeguro e a Complementos. O gestor, que trabalhou sob a tutela de Dias Loureiro, quando foi director do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, disse não ter tido conhecimento "em absoluto" de qualquer tipo de irregularidades. E também disse nada saber do processo de adjudicação do SIRESP, ganho pela SLN. Aliás, levou ao limite a revelação da ignorância e da falta de memória quando garantiu não se lembrar se pertenceu ou não ao Conselho de Administração da SLN.

pelas decisões que viriam a revelar-se danosas e que estiveram na origem da intervenção do Estado na instituição financeira.

As responsabilidades de Dias Loureiro surgiram num outro passo do depoimento de Francisco Sanches, que integrou a holding por convite de Oliveira e Costa, em 1998, depois de ter trabalhado nos gabinetes de antigos ministros da Educação de governos chefiados por Cavaco Silva, como Roberto Carneiro e Diamantino Durão. Ainda quanto ao relacionamento com a entidade de supervisão bancária, revelou que Oliveira e Costa foi informado previamente da reunião que Dias Loureiro teve com o então vice-governador António Marta.

Questionado pelos deputados, Francisco Sanches garantiu que soube por Oliveira e Costa da existência dessa reunião, que, se-

Dias Loureiro informou Oliveira e Costa antes de ir ao Banco de Portugal falar com António Marta

gundo Dias Loureiro, se destinou a informar o Banco de Portugal da existência de irregularidades.

"Quanto ao conteúdo da conversa, nada sei", concluiu Sanches. Antes admitira que estavam no universo SLN as empresas off-shore associadas ao empresário libanês El Assir (usadas no negócio de Porto Rico que deu um prejuízo de 38 milhões de euros), que beneficiaram de empréstimos de 14 milhões de euros sem garantia. El Assir, justificou Sanches, "foi indicado por Dias Loureiro". ■



BANCA

Venda falhada do BPN atrasou descoberta das irregularidades

Francisco Sanches, 'braço-direito' de Oliveira Costa, revelou que negociações levaram Vakil a adiar denúncia

MARIA JOÃO GAGO
Mjgago@negocios.pt

As negociações para a venda de 50% da Sociedade Lusa de Negócios (SLN), dona do Banco Português de Negócios (BPN), ao grupo norte-americano Carlyle e a investidores angolanos e libaneses, atrasaram a descoberta da verdadeira situação do grupo e das relações com o banco cabo-verdiano Insular. A possibilidade de esse negócio se concretizar foi, na opinião de Francisco Sanches, antigo braço-direito de José de Oliveira Costa na SLN, a razão para o presidente interino do grupo, Abdool Vakil, ter demorado vários meses a revelar os problemas do BPN ao Banco de Portugal.

"Havia a possibilidade de resolver o problema" através da venda do grupo à Carlyle e a investidores angolanos, respondeu o ex-gestor da SLN quando questionado pelo deputado Nuno Melo, do CDS-PP, sobre as razões que levaram Vakil a só denunciar a situação do Insular ao supervisor no final de Maio, apesar de já ter conhecimento da dimensão do problema meses antes.

De acordo com as afirmações de Francisco Sanches, ontem, na comissão parlamentar de inquérito à nacionalização do BPN, os contactos com a Carlyle e os investidores angolanos foram conduzidos por Oliveira Costa, na altura já afastado da gestão do grupo. No entanto, as negociações acabaram por fracassar, porque os accionistas com assento no conselho superior da SLN recusaram as condições propostas.

Recorde-se que, na sua deslocação ao Parlamento, Abdool Vakil afirmou só ter tido conhecimento da ligação entre o BPN e o Insular no final de Maio de 2008, altura em que avisou o BdP.

Foi também devido à existência destes contactos que o próprio Francisco Sanches nunca denunciou as irregularidades cometidas no BPN ao Banco de Portugal. "Oliveira Costa, depois da sua saída, promoveu várias reuniões com os accionistas para que o grupo fosse vendido a outra entidade", adiantou para justificar o seu silêncio. "Sempre achei que estas questões tinham que ser resolvidas dentro de casa e que Oliveira Costa tinha obrigação



Pedro Elias

Na mira |

Francisco Sanches, antigo administrador do Banco Português de Negócios, respondeu ontem à inquirição dos deputados na comissão de inquérito sobre a nacionalização do banco.

Negociador |

Oliveira Costa liderou as negociações para a venda do banco a investidores angolanos, libaneses ou à Carlyle, apesar de já estar afastado da gestão, denunciou Francisco Sanches.



de resolver esta situação", afirmou.

O mesmo gestor admitiu ainda ter transmitido ordens referentes a operações entre BPN e Insular, "por ordem de Oliveira Costa"

Libanês amigo de Dias Loureiro era testa-de-ferro do BPN

Na comissão de inquérito, Sanches confirmou ainda que as três sociedades "off-shores" detidas pelo empresário libanês Abdul Rahman El-Assir eram, na realidade, do BPN. Em resposta a questões de Nuno Melo, o ex-gestor da SLN, disse ser verdade que os três veículos atribuídos a El-Assir eram do grupo português. "Então, o Grupo El-Assir não existia", concluiu Nuno Melo após a resposta de Sanches.

O investidor libanês, que Manuel Dias Loureiro indicou para cliente do BPN, terá funcionado como testa-de-ferro do banco. Isto porque as suas sociedades "off-shores" contraíram créditos junto do BPN que, segundo confirmou Sanches, tinham créditos de oito milhões de euros junto do banco sem que tenham sido prestadas quaisquer garantias.

El-Assir era accionista da empresa porto-riquenha Biometrics cuja venda à SLN/BPN foi negociada por Dias Loureiro e Oliveira Costa e que resultou em prejuízos de 38 milhões de dólares para o grupo.

[Insular] era um constrangimento para a relação entre o dr. Oliveira Costa e os accionistas

Tentei que clientes do Insular, que o eram também do BPN, pudessem passar esses créditos para o BPN

FRANCISCO SANCHES

Ex-administrador do BPN

Gestor da Plêiade desconhece irregularidades



O administrador da Plêiade, empresa da Sociedade Lusa de Negócios (SLN), afirmou ontem na comissão de inquérito parlamentar sobre o BPN que "desconhecia em absoluto o que se passava no banco" e que "nunca lhe chegaram informações de irregularidades". Lencastre Bernardo, convidado para integrar os quadros da Plêiade em 2001 por Dias Loureiro, então presidente da empresa, manifestou, segundo a Lusa, o seu desconhecimento perante grande parte das perguntas que lhe foram feitas. Assim, sobre as irregularidades no BPN, pagamentos em numerário a administradores do banco, sobre o Banco Insular, imóveis do grupo SLN "fora de balanço" e mesmo sobre resultados da auditoria da Deloitte, o administrador da Plêiade respondeu com variações da mesma ideia - "não conheço nada disso".



Amigo libanês de Dias Loureiro era testa-de-ferro no Banco Português de Negócios

Cristina Ferreira e Ana Brito

Oliveira e Costa foi informado antecipadamente que Dias Loureiro ia falar com o vice-governador do Banco de Portugal sobre a situação do grupo

● Dias Loureiro informou José Oliveira Costa, o ex-presidente do grupo SLN/BPN, de que ia falar com o vice-governador do Banco de Portugal, António Marta, a propósito da instituição onde então era administrador executivo. O dado foi revelado ontem por Francisco Sanches, braço direito de Oliveira Costa, que esclareceu ainda que o cliente indicado por Dias Loureiro, o empresário libanês Abdul Rahman El-Assir, funcionou como testa-de-ferro do BPN.

Francisco Sanches prestou ontem declarações perante os deputados da comissão de inquérito à supervisão do BPN. afirmou que, em Abril de 2001, Dias Loureiro, então executivo do banco, avisou Oliveira Costa de que ia ao Banco de Portugal (BdP) falar com António Marta sobre o grupo. Instado por João Semedo, do Bloco de Esquerda, a explicar pormenores sobre o encontro, o ex-administrador executivo referiu que recebeu a informação por parte de Oliveira Costa e adiantou que desconhecia o motivo que terá levado o ex-ministro da Administração Interna a procurar António Marta.

Este é um dos pontos controversos do dossier BPN. Na audição parlamentar, Dias Loureiro garantiu que se reu-



O BPN concedeu vários créditos sem garantias

nira com Marta para lhe manifestar a sua preocupação quanto à forma centralizada e presidencialista como o grupo era liderado por Oliveira Costa. Uma declaração que viria a ser desmentida pelo ex-vice-governador do BdP quando se deslocou ao Parlamento. Nessa altura, Marta disse que Dias Loureiro o contactou mas para lhe expressar incómodo pela actuação "sistemática" do BdP junto do BPN.

Instado por Nuno Melo, do PP, a comentar a ligação de El-Assir ao grupo BPN, Francisco Sanches disse que este relacionamento surgiu por "indicação" de Dias Loureiro, amigo do empresário libanês, razão pela qual desconhece detalhes sobre as operações, que acompanhou "muito à distância". El-Assir esteve ligado, como vendedor, ao negócio de Porto Rico, e que resultou num prejuízo para o BPN de 38 milhões de euros.

Por outro lado, Sanches confirmou que o BPN, por via da sucursal de Cai-mão, concedeu créditos sem garantia a empresas detidas por El-Assir. E explicou que as três *offshores* criadas pelo BPN e associadas a El-Assir, e através das quais foram contraídos créditos de oito milhões de euros sem garantia, pertenciam afinal ao banco. Ou seja: o libanês funcionava como testa-de-ferro do grupo. Nuno Melo, do PP, concluiu que "o Grupo El-Assir não existia".

Sanches adiantou que, em meados de 2007, já depois de o BdP exigir a clarificação da situação do grupo, Oliveira e Costa pensou que poderia resolver os problemas alienando 50 por cento da SLN ao fundo de *private equity* Carlyle, ligado ao ex-embaixador dos EUA em Lisboa Frank Carlucci, e a investidores angolanos. O negócio não foi autorizado pela maioria dos accionistas da SLN.

Lencastre Bernardo

Gestor desconhecia relatório da Deloitte sobre a Plêiade

O administrador da Plêiade, Lencastre Bernardo, ouvido ontem na comissão de inquérito parlamentar ao BPN, afirmou que desconhecia o relatório da Deloitte sobre o grupo SLN que identificou na actividade da Plêiade várias irregularidades e ilicitudes, constituindo, portanto "erros intencionais".

"Esta situação indica uma falha grave de controlo sobre a função financeira, pelo que a fiabilidade global das demonstrações financeiras das entidades" do grupo Plêiade em 31 de Dezembro de 2007 [data do relatório] poderão ser questionadas. Este relatório, a que o PÚBLICO teve acesso, contradiz as declarações de Lencastre Bernardo efectuadas na comissão parlamentar de inquérito. A Deloitte denuncia neste relatório que a Plêiade nunca quis dar informações sobre a sua actividade e "escondia informação de forma intencional", com o objectivo de ocultar operações ilícitas. "Não obtivemos detalhes das transacções ocorridas no exercício findo entre a Plêiade e entidades relacionadas", escreve a Deloitte.

**Inquérito ao BPN****Dias Loureiro
desmentido
de novo na AR**

● O antigo braço-direito de Oliveira e Costa no BPN, Francisco Sanches, desmentiu ontem Dias Loureiro sobre a conversa com António Marta, administrador do BdP. → *Economia*, 31